

12

Bom dia

Essa polêmica sobre o desconto no salário dos professores grevistas se tornou ~~in~~compreensível. Vejam bem: o Governador tem o direito de descontar. É do jogo, é um componente de risco quando se trata de uma greve, essa possibilidade do empregador não pagar pelos dias não trabalhados. Embora as sutilezas da profissão, nisso, acredito, todos concordamos. O Governador pode descontar.

Mas a partir desse fato é importante pensar em outro fato: como fica a situação dos estudantes na medida em que o ano letivo será prolongado. A paralisação obriga ~~emp~~ichar as aulas para completar os conteúdos. E que vai dar essas aulas foram do período considerado normal para o ano letivo?

Se o professor sofreu o desconto no salário pela paralisação e mim parece que não se pode exigir que trabalhe além do período tido como normal. Consequentemente não haverá a recuperação e o ano escolar ficará incompleto. É a lógica, salvo algum juízo mais abalisado a respeito. Não trabalhou, foi descontado e segue-se com a vida dentro da normalidade.

Dai porque, essa questão, se tornou difícil de entender. Está estabelecido um confronto cujas causas efetivas ainda não estão bem claras. Pois ~~isso xxxxxxx~~ gerou desgaste inclusive com o Poder Legislativo que entendeu corretamente o problema ao impedir o desconto e estabelecendo a recuperação das aulas.

Mais ainda, a polêmica está impedindo o retorno a um ambiente de tranquilidade às salas de aulas. A greve terminou há bastante tempo mas o clima ainda é de muita tensão, pois essa discussão está levando o professor a um desgaste maior ainda, o que lhe tira a serenidade, a tranquilidade, de cumprir com sua obrigação da melhor maneira possível.

Queiramos ou não, há um clima terrível ~~xxxxxx~~ envolvendo a escola. E ninguém está se beneficiando disso. Nem o professor, nem o governo e muito menos os estudantes estão ganhando. Com o que o problema assume uma faceta mais complexa do que aquela que tem sido nos últimos anos, o tumultuado relacionamento do magistério com o Governo do Estado.

E não explica porque ninguém fez mais presidentes da república do que nós, gaúchos. Getulio Vargas ficou 15 anos e retornou em 50 ficando mais quatro anos. Mais adiante tivemos dois anos com Jango ~~Helar~~ Goulart e, pela ordem, subiram Costa e Silva, Garrastazu Médici e Ernesto Geisel. Até Figueiredo, um carioca, se dizia muito influenciado pelo Rio Grande, pois por estas bandas andou um bom tempo.

Então, essa história de falta de presença no poder central não é bem assim. Tem mais coisas acontecendo. E agora que o Valente, um homem sabidamente vinculado ao Rio Grande e com projeção nacional, diz que andamos muito pessimistas, seria o momento de uma reflexão. Afinal, o que teria acontecido com a gente aqui dos pampas?

Estariamos dormindo nos louros do passado? Teríamos perdido parte de nossa fibra, de nossa audácia? Estamos cançandos? De qualquer modo, é bom pensar, pois pessimismo e choro não levam a grandes coisas. Além do mais, ninguém vai fazer por nós.

Até amanhã.

Bom dia

O empresário Cesar Rogério Valente deu uma palestra em Passo Fundo e chamou a atenção quando afirmou que os gaúchos estão mais pessimistas do que o restante dos brasileiros. Ele não negou a gravidade da crise econômica nacional, mas foi incisivo quando disse que nós, os gaúchos, estamos mais assustados do que os outros.

Na minha opinião o Valente não está dizendo bobagem. Não ando percorrendo o Brasil para afirmar se nós estamos mais pessimistas do que os paranaenses, do que os cariocas, do que os mineiros. Mas, baseado em nosso passado, acho que o Valente tem razão. Na verdade o gaúcho é conhecido como um grande chorão. Há muito tempo.

Essa é uma das nossas contradições. Além de construir o Rio Grande do Sul a gauchada foi desbravar o ^{Oeste de} ~~Sul~~ Santa Catarina, o Sudoeste do Paraná, o Centro-Oeste do Brasil inteiro. Estamos inclusive no norte. É um lado positivo nosso, damos uma contribuição grande para o desbravamento de imensas regiões do Brasil.

Mas os pais e os alunos vão concordar com isso??? A lógica, outra vez, diz que não. Pais e filhos querem o ano letivo completado. Mas, para isso, será necessária a presença do professor grevista em sala de aula. E esse professor, que foi descontado, e que assim cumpriu, legalmente, com sua tarefa, vai trabalhar??? Mais ainda, vai trabalhar de graça??

Ai está o complicador. Se o Governo do Estado não paga agora, pelos dias parados, não poderá exigir o retorno do professor à sala de aula num período que seria de férias, ~~Pode???~~ para concluir o ano letivo. Ou pode??? Se o Governo paga agora o próprio professor estará na obrigação de concluir a sua tarefa, mesmo que tenha que entrar janeiro a fora. Vai daí que não consigo entender essa pendenga.

Os professores acreditam que terão o direito de receber como hora extra os dias que tiverem que trabalhar, mais adiante, para a recuperação das aulas, caso o desconto persista. Com o que, o governo, a persistir esse raciocínio, acabará gastando muito mais se quiser evitar prejuízos aos estudantes.

E o outro lado disso, e que ficou claro nos últimos vinte anos, é essa tendência para o choro que tem nos caracterizado. O grande orgulho nosso sempre foi ser o segundo Estado da Federação Brasileira. Era São Paulo e nós, numa disputa taco a taco. De repente as coisas começaram a mudar e nós passamos a perder terreno.

Isso até merece um estudo mais profundo. Mas a verdade é que fomos perdendo terreno e ~~xxxxxxxxxxxx~~ já estamos disputando o quarto e o quinto lugar entre os Estados brasileiros mais fortes economicamente. São Paulo, como sempre, mais Rio de Janeiro e Minas Gerais estão na nossa frente. E disputamos com Paraná e a Bahia as demais posições.

Fomos perdendo e fomos aumentando nossas lamurias. Claro que existem distorções ao nível do Governo Federal privilegiando determinados estados. Nós aqui, por exemplo, ficamos furos com o nordeste, particularmente ~~xxx~~ no atual governo, que tem sido contemplado com mais dinheiro. Mas isso não explica tudo.

IVALDINO TASCA

DOM CLÁUDIO: "ALGODÃO ENTRE OS CRISTAIS"
~~MEMÓRIAS DE DOM CLÁUDIO: "ALGODÃO ENTRE OS CRISTAIS"~~

* Exatamente o ano, o dia e a hora não recordo. Foi lá por 80, 81. Lembro que o governador do Estado era o palmeirense José Augusto Amaral de Souza. O local, sim: a sede do bispado, na Coronel Chicuta. O momento era extremamente delicado. Tempos quentes. Comparando com o que aconteceu posteriormente, toda aquela tensão ^{20c} tinha fundamento no inusitado. E raros sentiram ^{como ele} que o movimento dos colonos sem terra estava assumindo as proporções de que algo iria se romper. Para sempre. E uma das figuras centrais, nesse novo e complicado cenário, era Dom Cláudio Colling. Os fatos ocorriam em sua Diocese, sacerdotes católicos sob seu comando eram atores destacados nos episódios, embora a distensão ~~estava~~ lenta e gradual no país o clima estava mais para maior Curió e, ainda, pela amizade, Dom Cláudio era um trunfo que o governador tinha para superar o problema.

* Nós tateávamos em busca de informações mais precisas. E o problema dos colonos sem terra havia ganhado uma dimensão nova pela singela razão de o "Correio do Povo", mais conhecido como o ~~Correio~~ ^(famoso surpreso) ~~Correio~~ "róseo", ter divulgado material que havíamos remetido desde a Granja Brilhante, próxima da esquina mais famosa do Brasil: Natalino. Tínhamos em mão a informação de que o Governador Amaral de Souza havia incumbido o bispo de Passo Fundo a realizar tratativas para superar o impasse. Mas isso era verdade??? Nossas fontes diziam que sim, mas nada ~~palpável~~ palpável, com o que ^{sem} confirmação ~~sem~~ oficial nada poderíamos divulgar. Hoje isso até parece uma bobagem, mas naquela época não.

* No meio da efervescência fomos recebidos, na sede episcopal, por Dom Cláudio. Era meia tarde. E foi ali que ouvi, pela primeira vez, dele mesmo, uma frase que se tornaria uma marca registrada desse sacerdote: ~~Ele~~ te: "numa hora dessas precisamos ser como algodão entre os cristais". Conversamos horas sobre muitas coisas... O que não faz o tempo! Desde aquele dia nosso relacionamento, que ~~naquela~~ ^{nunca foi muito} estreito, mudou, ficou mais ameno, ~~Embora~~ ^{Embora} as divergências permanecessem. Cada um tinha sua visão de mundo.

* Acontece que era impossível ~~XXXX~~ não se posicionar frente a figura de Dom Cláudio. Durante os anos rebeldes, sem que com ele tivéssemos tido contato, parcela dos jovens engajados nos movimentos da Igreja Católica - JEC, JUC, JOC, JAC - nutria uma certa antipatia pelo bispo. Fiel à linha de Dom Vicente Scherer, ~~um dos principais expoentes~~ ele começou a segurar os movimentos católicos, que a partir do golpe de 1964 assumiam posições consideradas radicais. Dentro da visão do "ver, julgar, agir" forma-se um quadro contraditório em que o algodão entrou em cena.

(legua)

* Quer dizer: na prática, os anos 60, engolfaram tudo, a maré de mudanças dava impressão de que levaria tudo de roldão. E não eram poucos os que queriam proteger os cristais. E isso é um processo complicado, pois é muito difícil compreender o seu próprio tempo. Até porque muito revolucionário de ontem é conservador agora e vice-versa. O que importa, mesmo, ~~de~~ pagar o preço por viver ~~para~~ cada tempo. Quem o faz acaba na história. Ou vocês lembram de alguém que angarie respeito tendo ficado, sempre, em ~~cima~~ cima do muro???

* Mas vejam, cheguei em Passo Fundo em dezembro de 1961, ainda a tempo de assistir a última exibição, no Imperial, de Ben-Hur. ~~Em~~ E esta manhã, quando soube da morte de Dom Cláudio Colling, no São Vicente de Paulo - uma das instituições que ele mais gostava - comecei a pensar na sua figura. E na sua trajetória desde que ~~ele~~ assumiu a Diocese ~~em~~ lá pelos anos 50, se a memória não falha. E salvo algum engano, Dom Cláudio foi a pessoa mais marcante, ~~que~~ ^o mais influenciou esta região, especialmente Passo Fundo.

* Foi uma lenda, esta é ~~uma~~ a grande verdade. Será sempre uma lenda. Posições firmes, fala mansa, sagaz, inteligente, bem informado, poderoso, amigo até às últimas consequências de seus amigos, bondoso, fiel à sua Igreja Dom Cláudio tem uma trajetória, ~~entre os anos 50 e o final dos anos 70~~ ^{em Passo Fundo,} ~~entre os anos 50 e o final dos anos 70~~ dos anos 70, que nada de importante foi feito sem que alguma coisa dele tivesse por perto. Ninguém mais, nesta cidade e nesta região, ~~ele~~ jamais terá a importância que ele teve. Da política ao ensino, da assistência social à saúde... Raras portas, nesse período, não se abriam com sua ~~presença~~ presença! E raras não se fechavam quando desejava.

* E as histórias??? Era realmente um grande caçador??? Efetivamente o "Romeu e Julieta", um dos melhores charutos da terra de Fidel Castro, era o seu preferido??? Um dia, alguém, vai contá-las. A última vez que falei com Dom Cláudio foi no dia da festa de Nossa Senhora. A família do dr. Sabino Arias, que estava sequestrado, entrou em contato com a dona Ada, pois precisava de um gesto de Dom Cláudio. Fui o emissário. Encontrei-o na granja, ali nos lados do Pulador. Ele confirmou que no dia seguinte faria exames no São Vicente. Não estava bem. Até hoje não sei porque, mas naquele dia tive a sensação de que Dom Cláudio estava se preparando para ~~se~~ deixar esta vida. Ele como que transmitia isso. ~~Hoje tenho a certeza que, embora nossas diferenças, vou lembrá-lo, por aquilo que ele foi: "algodão entre os cristais". .. Mesmo que a dialética entenda como uma concessão!~~ Hoje tenho a certeza que, embora nossas diferenças, vou lembrá-lo, por aquilo que ele foi: "algodão entre os cristais". .. Mesmo que a dialética entenda como uma concessão!



Lauda	Repórter	Retranca	Corpo - Medida - Formato	N - Sistema	Página
	Redator				2

1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890

1 DIPP INVESTE E NÃO LEVA

2 * Quando a nova safra de prefeitos foi eleita, em 1988,

3 estavamos na assessoria de então Secretário da Agricultura

4 Odacir Klein e deu para confirmar que entre os novos adminis-

5 tradores havia a consciência de que sem investir na agricultura

6 seus municípios não dariam um salto de qualidade, tal o desca-

7 so, na prática, da maioria dos antigos prefeitos. Além de mais

8 corria mundo a história de prefeito Marcos Palombini, que ha- 3

9 via feito uma verdadeira revolução em Vacaria, mudando o perfil

10 econômico do Município depois de investir firme na maça.

11 * Pois bem, entre os prefeitos que se mostraram sensíveis

12 à importância do setor primário se enquadrava e se enquadra

13 o Prefeito Aírton Dipp, de Passo Fundo, que inclusive investiu

14 em máquinas e gente no sentido de ajudar o setor primário

15 passo-fundense. Mas, apesar dessa boa vontade e de decisões 6

16 práticas adotadas pelo prefeito Aírton Dipp ele corre o risco

17 de terminar o mandato sem capitalizar para sua administração

18 esse esforço que fez. E pode ficar para a história como o pre- 6

19 feito que quis, luteu, investiu, brigou e não levou... A causa??

20 A causa ele descobriria facilmente conversando com os pedetistas

21 de interior do município...

22

23

24

25

26

27

28

29

30

9

12

Estimulados pela idéia, decidiu-se realizar, já em 1972 a Primeira Exposição Internacional de Animais. Triches oficializa a exposição internacional de animais em 01/09/71. Correio Rural noticia em 10/09/71, a realização da exposição internacional. Aí surgiu a hora de escolher um nome que identificasse a exposição e que se realizasse de dois em dois anos. Como na época eu exercia atividade na Assessoria de Imprensa da Pasta Agrícola, coube a mim, após reunião com o secretário Edgar Irio Simm, o chefe de gabinete, Paulo Custódio e o então diretor da DPA, José Augusto Muller, a tarefa de redigir o primeiro release, que seria enviado aos jornais sobre a decisão da realização da exposição internacional de Esteio. Mas como designar a exposição? Sugeriu-se então tentar abreviar ou unir as duas palavras, surgindo então a "Expointer". Colocou-se na notícia publicada no outro dia nos jornais, conforme comprovação do Correio do Povo do dia 23 de setembro de 1971: EXPOSIÇÃO DE ESTEIO SERÁ MOSTRA INTERNACIONAL. Como não apareceu outra idéia melhor, a palavra Expointer foi tomando características da exposição internacional de Esteio e ficou como indicativa da nossa mostra. Em 1972, a I Expointer teve a presença de nove países, com 250 animais inscritos, do total de 2860 animais de toda a mostra. Realizando-se daí por diante de dois em dois anos até 1985, quando o secretário João Jardim a transformou em anual, desenvolvendo-se agora a Expointer, no Parque de Exposições Assis Brasil em Esteio, como uma das maiores mostras da América do Sul e, muitos até dizem, mundial.

Confortado por ter participado do seu início, envio votos de que continue essa ascensão, como um símbolo de uma época e de uma realidade do nosso Estado pecuário, que apesar de todas as crises e pessimismos vai adiante firmando-se cada vez mais como produtor de carne com novas tecnologias em busca de sua produtividade ideal. Esta 14ª Expointer, que ora se realiza, talvez seja um momento de beleza e festa para muitos, mas também será a hora de lembrar os desbravadores, os pioneiros e corajosos que tomaram as primeiras medidas, até contrariando interesses e sendo acusados disso ou daquilo, para que o Parque de Esteio surgisse e a Expointer se desenvolvesse tal como é hoje em dia. Em respeito a todos esses gaúchos, por ter participado desde o início desse trabalho, convívio por mais de dez anos com a exposição no Parque de Esteio, é que tento relembrar um pouco de sua história para que não se apaguem no tempo os momentos iniciais difíceis. Hoje é só cores, bandeiras, desfiles, alegrias, grandes campeões, confraternização, passeios, demonstrações, luzes e afetos, vamos, pois, comemorar a décima quarta edição de nossa maior exposição, para muitos

← A melhor do mundo, com uma homenagem a todos os que contribuíram para seu atual êxito. Espera-se que o Presidente Collor venha ao Rio Grande do Sul para a inauguração da mostra como o fizeram todos os Presidentes até Sarney, ^{que nunca compareceu} Como fez em Uberaba, Esteio também merece a visita presidencial, para que a mostra seja colocada no seu devido lugar internacional.

A primeira exposição agropecuária oficial que se tem notícia no Rio Grande do Sul realizou-se em 1901, no Campo da Várzea, hoje Parque da Redenção. Muito embora a história registre que em 1899 os criadores do sul do Estado tenham efetivado um certame agrícola, promovido pela Sociedade Agrícola Agropastoril, criada em 1897, em Pelotas.

Em 1909, outra exposição foi levada a efeito pela Secretaria de Obras Públicas, já com a participação de animais estrangeiros, especialmente Argentina e Uruguai. Outras mostras foram realizadas em 1912, 16 e 20. Já em 1931, a Farsul patrocinou uma mostra, mas foi a partir de 1936, com a criação da Secretaria da Agricultura que as exposições se desenvolveram, realizando-se em diferentes municípios criatórios essas mostras, que a partir de 1955 se fixaram no antigo Parque de Exposições do Menino Deus, até 1969.

Em vista do local acanhado do Parque do Menino Deus, a partir de 1969 criadores e autoridades se voltaram para a procura de um novo e mais amplo local para abrigar as exposições estaduais. Assim, em 1970, o então Secretário da Agricultura, Luciano Machado, enfrentou o problema e passou-se a buscar uma área ideal para tanto. Feita uma pesquisa, apresentaram-se várias áreas, entre as quais uma em Guaíba, outra numa ilha do próprio rio, áreas em outros municípios e a então Fazenda Kroeff, em Esteio, localizada às margens da BR-116. Escolhida aquela área como a melhor para a instalação de um parque de exposições, acertada a aquisição feita por uma comissão que avaliou o exato valor das terras e da propriedade, de 64 hectares, fez-se um concurso nacional para o projeto do Parque. Vencendo uma firma do Rio de Janeiro, de Sérgio Bernades, acertou-se para o prazo de 15 de agosto de 1970 algumas obras que deveriam abrigar a 33ª Exposição Estadual de Animais. Alguns incidentes e um acidente, obrigaram a Secretaria a modificar o plano original de estruturas metálicas com passarelas para pavilhões metálicos convencionais e assim se pôde realizar após muito trabalho, a exposição anual em 1970 naquele Parque, embora em condições desfavoráveis e muito barro.

Já a partir de 1971, o novo secretário Edgar Irio Simm levou adiante a idéia da implantação do Parque, fez algumas obras de infraestrutura, onde foram consumidos muitos ^{milhões de} cruzeiros, e então se realizou em 1971, a 34ª Estadual em melhores condições. Antevendo a boa perspectiva que apresentava o novo local, a Secretaria passou a pensar em internacionalizar a mostra, a partir de 1972.